



ESTADÃO

A Terra plana, assim cantou José Miguel Wisnik

Os terraplanistas sentem-se humilhados diante do saber e respondem com insultos

Eugênio Bucci, O Estado de S.Paulo

05 de novembro de 2020 | 03h00

No dia 10 de setembro perdemos o astrofísico brasileiro João Steiner. Tinha 70 anos de idade. Professor titular do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG) da USP, foi também diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da mesma universidade e coordenou a participação brasileira na construção do Telescópio Gigante de Magalhães, o maior já feito até hoje, que será inaugurado em 2024, nos Andes chilenos.

Sorriso acolhedor, cabelos brancos, longos, por vezes indisciplinados, João tinha o *physique du rôle* do gênio bonachão, um tipo meio cinematográfico. Não havia na USP ninguém mais desarmado e menos arrogante do que ele. Membro da World Academy of Sciences, foi uma das maiores autoridades do mundo em buracos negros, mas não botava banca. Amava a ciência e a humanidade.

Uma vez, almoçando com um colega menos graduado no restaurante que fica atrás da Faculdade de Economia, na Cidade Universitária, ouviu uma pergunta que o desconcertou: qual era a sua opinião sobre o fato de um astronauta ser ministro da Ciência e da Tecnologia no Brasil? João sabia perfeitamente do descalabro e da incultura que começavam a se instalar no poder, mas, discreto por estilo e convicção, não se prestava a alaridos panfletários. Serenamente, pousou as duas mãos sobre a mesa, uma de cada lado do prato, e achou um ângulo de escape onde só havia más notícias: “Pelo menos ele sabe que a Terra é redonda”. A inteligência de João Steiner era assim, sempre nos presenteava com um pouco de bom humor.

No ano de 194 antes de Cristo perdemos Eratóstenes de Cirene, matemático e bibliotecário da Biblioteca de Alexandria. Tinha 82 anos de idade e deve ter sido um cara interessante, ele também. Medindo longas distâncias em passos e aplicando fórmulas trigonométricas, realizou um cálculo quase inacreditável. A cosmologia nascente já tinha percebido a esfericidade da Terra (Platão fala disso no Fédon), mas Eratóstenes quis saber o tamanho exato da circunferência do nosso planeta. De acordo com as contas que fez, a medida (convertida ao sistema métrico atual) seria de 39.700 quilômetros. Pelos números que conhecemos hoje, o grande bibliotecário errou por míseros 308 quilômetros, para menos, mas acertou no fundamental: deu um chega pra lá na chatice e na platitude.

O nosso problema é que, apesar dele, a chatice e a platitude não desistiram. Haja boçalidade! O discurso terraplanista angaria adeptos fervorosos, que primam pela rabugice enfurecida, ressentida, invejosa, destrutiva. Quando dão curso à conversa de que a Terra é plana, não pretendem dizer a verdade, escarnecem da verdade, apenas celebram seu rito bestial de afrontar a cultura e o espírito. Sentem-se humilhados diante do saber e respondem com insultos. Tomados por ódios pestilentos, marcham como autômatos para implantar sua igualdade na estupidez e sua unidade na servidão. Aí estão eles, em toda parte, a bordo de sua indústria de calúnias, prestando serviços voluntários aos delírios conspiratórios

Atualizamos nossa política de cookies



Nós utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar sua experiência em nossos serviços, personalizar nossa publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao utilizar nossos serviços, você aceita a política de monitoramento de cookies. Para mais informações, consulte nossa [Política de cookies](#).

ACEITO

E então? De onde tirar bom humor? O que fazer?

No dia 27 de outubro, agora mesmo, na semana passada, o crítico literário, professor, poeta e compositor José Miguel Wisnik deu sua resposta para essas perguntas. O que fazer? Ora, cantar. Wisnik lançou um *single* no YouTube em que interpreta sua nova composição: A Terra plana. No título, que fique bem redondo, a palavra “plana” entra não como adjetivo, mas como verbo. A Terra, segundo o poeta, vai planando pelo cosmo, é isso. A letra cuida de explicar: “(...) entre rastros luminosos de corpos distantes (...) a Terra plana (...) redondamente certa (...) no universo deserto, curvo e dilatado sem planos nem enganos”.

A esta altura de tantas baixeiras, a poesia não vai ensinar a ninguém o que Eratóstenes já tinha calculado, mas ao menos nos ajuda a dissolver a ignorância que incinera a imaginação. Quantos incêndios, quantas cinzas, quantas mortes... Queimaram a biblioteca de Alexandria, queimaram mulheres, cientistas, livros, florestas, e ainda queimam. Mesmo assim, canta Wisnik, “a Terra simplesmente plana carregando o peso da ganância que a maltrata”. A gente escuta e também plana com esse hino leve para um tempo de chumbo. A pegada é de passeata musical. No início da canção entram vozes de crianças repetindo uma palavra de ordem: “A Terra não é plana, a Terra não é chata”. Uma percussão fina ajuda. No piano, a nota si, sozinha, marca o compasso.

E lá vai a Terra, planando, flanando, “sem um chão que não seja o seu, sem um chão que não seja o céu”. O céu é o chão. Quando a gente olha para o alto, pensa que ele é azul. Quando, lá do alto, o astronauta contemplou a nossa redondice, viu que azul era ela. Até quando? Azuis eram os olhos de João Steiner.

JORNALISTA, É PROFESSOR DA ECA-USP

Tudo o que sabemos sobre:

IEA [Instituto de Estudos Avançados da USP]

João Steiner

Barack Obama

José Miguel Wisnik

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

DESTAQUES EM OPINIÃO

O recesso e o descaso

Um plano incoerente

Retomada mais lenta



Atualizamos nossa política de cookies

Nós utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar sua experiência em nossos serviços, personalizar nossa publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao utilizar nossos serviços, você aceita a política de monitoramento de cookies. Para mais informações, consulte nossa [Política de cookies](#).

ACEITO